

## POR UMA CONCEPÇÃO MARXISTA DA CORPOREIDADE: UMA ANÁLISE DE A EDUCAÇÃO DO CORPO NA SOCIEDADE DO CAPITAL

**Carlos Herold Junior**

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista é professor na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Na mesma instituição ele concluiu o doutorado em Educação (2007), cuja tese, publicada na forma de livro em 2013, é objeto desta resenha.

Nas 246 páginas de *A Educação Corpo na Sociedade do Capital* (BAPTISTA, 2013), o autor oferece subsídios para responder à seguinte questão: “como se determina a forma do corpo na sociedade?” (p. 21). Por forma de corpo ele entende “o modelo de corpo representante do prazer, do sucesso e da felicidade” (p. 235), atingido por meio do “ato educativo” efetivado pela indústria cultural. Trata-se de uma educação responsável pela condição social de se “investir na barbárie” (p. 237), assumida como compreensível apenas no amplo processo de “constituição da consciência, do corpo, do corpo da consciência e da consciência do corpo” (p. 25), que se dá na construção das relações de produção capitalistas. Para o Autor, entender o corpo nessa perspectiva é um caminho para se restaurarem “as possibilidades de desenvolvimento da autonomia e emancipação do sujeito” (p. 23).

Esse escopo é perseguido com uma cuidadosa revisão bibliográfica, que trouxe à baila não apenas Marx e Engels, mas a base filosófica hegeliana dos redatores do *Manifesto do Partido Comunista*, assim como importantes representantes da tradição marxista, como Adorno, Horkheimer e Lukács. Esse *corpus* foi estudado em três capítulos.

O primeiro tem como título *O Trabalho e a Construção do Homem*. Nele, está a sustentação teórica do estudo, que prima pela assunção do trabalho no processo coletivo e histórico de constituição do ser social da humanidade. O autor esmera-se em demonstrar como essa consideração é devedora a Hegel, pondo em evidência as permanências/rupturas operadas por Marx. O impacto do processamento marxista da herança hegeliana no entendimento da construção histórica do corpo e de sua educação se percebe nas seguintes constatações: o salto da natureza à sociedade, operado através do trabalho, “atinge o corpo, pois cada tipo de trabalho, cultura e tecnologia demanda outros tipos de capacidades físicas e espirituais, as quais, por sua vez, gerarão novas formas de ação e também novas necessidades humanas” (p. 67). Ainda, o “corpo é um meio de trabalho sem o qual nenhum outro trabalho poderia ser realizado” (p. 72). Consequentemente, “Não há como consolidar o próprio corpo fora das relações de trabalho e da identificação entre os seres humanos” (p. 77).

Intitulado *O Trabalho no Capitalismo e a Educação do Corpo*, o segundo capítulo aborda mais proximamente o modelo de corpo que o autor colocou como ponto inicial de seu estudo. Lemos nessa parte uma detalhada reflexão sobre os processos de ‘alienação’, ‘fetichismo’ e ‘reificação’, sempre a partir das análises de Marx. Evidencia-se que os mesmos processos que ocorrem na produção capitalista e que colocam a mercadoria como a grande ordenadora desta sociedade, igualmente, faz do homem, das capacidades humanas e das relações sociais, meros objetos subsumidos à lógica de produção e expansão do capital. Citando Lucien Goldmann, Baptista afirma que as “consequências da reificação em todos os terrenos da vida

humana não propriamente econômicos são consideráveis” (p. 134). Nessa lógica, a “reificação alcança não só a consciência do trabalho, mas antes o seu corpo” (p. 165), e isso, “não importando sua posição na escala produtiva” (p. 147). Trata-se, então, de um processo educativo que reverbera “a alienação de maneira ampliada” e as “necessidades do modo de produção” (p. 173) no corpo e no cuidado que a ele se dá.

Adorno e Horkheimer são as referências do capítulo 3 — *O Corpo na Tensão entre a Produção e o Consumo*. A partir deles, Baptista focaliza a relação entre “processo econômico” e “modelo de cultura estabelecido” (p. 174). Se o modo de produção capitalista precisa do “convencimento das pessoas” (p. 173) e se os imperativos do capital realizam uma “invasão do tempo livre” (p. 173), justifica-se como inadiável uma compreensão mais aprofundada sobre os mecanismos da indústria cultural que “educam” o corpo. É ela que possibilita “a disseminação de um modelo de corpo [...] possuindo como referência o prazer e o hedonismo e, ao mesmo tempo atendendo às demandas produtivas” (p. 207). Explicita-se essa asserção ao percebermos o trabalho, os produtos, as técnicas, todos voltados à realização da centralidade cultural que o corpo possui na sociedade contemporânea. Por isso, o corpo é um lócus (talvez, ‘o’ lócus) da produção/reprodução e do consumo geradores de mais-valia, obtida por meio de processos produtivos sustentados na exploração, na alienação e na reificação. Nesses processos manifestam-se a tal centralidade ao mesmo tempo em que neles ela é construída, reduzindo o corpo, contraditoriamente, a “carcaça e força de trabalho” (p. 153): “Este corpo é reificado e transformado em coisa, em máquina produtiva, e não é reconhecido como humano” (p. 236).

A aproximação entre o referencial marxista e os estudos sobre o corpo e sua educação deve ser saudada. É uma aproximação já sinalizada há algum tempo: para Turner (1996), a abordagem marxista é uma possibilidade de se escapar ao relativismo que caracteriza boa parte das abordagens ao corpo; Le Breton (1992) vê em Marx uma “sociologia do corpo implícita” (p. 15); Ellen Wood (1999), diz que muito dos temas analisados pelos referenciais pós-modernos poderiam ser analisados de modo mais profundo pelo marxismo, sendo esse o caso das investigações culturais sobre o corpo; Fracchia (2005) enxerga no corpo a materialidade cabal do “primeiro fato histórico”, ao qual se faz menção em *Ideologia Alemã*; Ghiraldelli Junior (2007) afirma que “Marx traça boa parte da agenda da filosofia do corpo” (p. 63). Todavia, em que pese à contundência dessas afirmações, lamentavelmente, não deve ser secundarizado que:

Um dos limites mais apontados por críticos ao materialismo histórico é a pretendida incapacidade desse referencial em lidar com questões ligadas aos estudos sobre o corpo. Por sua vez, também é comum o fato de analistas marxistas imputarem a essa temática um caráter de “modismo”, um desvio das questões que, efetivamente, seriam mais importantes ou “estruturais” (HEROLD JUNIOR, 2008, p. 98).

Tendo essa dificuldade à frente, a leitura de *A Educação do Corpo* é uma valiosa colaboração para se diminuir distâncias teóricas e temáticas existentes, ainda que observadas por análises e críticas que sustentam a necessidade e a relevância da construção de uma concepção marxista sobre o corpo.

Da leitura podemos verificar que alguns pontos são deixados em aberto por Baptista, o que pode realizar o importante papel multiplicador do estudo ao estimular novas pesquisas ou provocar novas reflexões sobre a condição do corpo a partir do marxismo. Ilustrando essa condição, logo no início do livro lemos que “A discussão a respeito do corpo vem da Antiguidade” (p. 17). Depois, Baptista assume como “pressuposto fundamental”, “a subordinação do corpo biológico e universal à *particularidade histórica*” (sem destaques no

original) (p. 17). Na continuidade, está escrito que “O corpo *sempre* foi meio de trabalho, mesmo em períodos anteriores ao capitalismo” (sem destaques no original) (p. 153); ou ainda, que “*Desde as formações econômicas pré-capitalistas [...], o corpo deve atender às necessidades da produção e, para isso, precisa ser educado de acordo com objetivos apontados pelo modo de produção e o tipo de trabalho a ser executado*” (sem destaques no original) (p. 229). Nesse entendimento, a afirmação da existência de “todo um investimento sobre o corpo” feita pelo autor para pensar os métodos ginásticos no século XIX, por exemplo, valeria para todas as outras épocas? Como analisar esse investimento, considerando o pressuposto assumido pela obra, de primar pela subordinação do corpo “à particularidade histórica” do capital? Dito de outro modo, o livro focaliza *o corpo na sociedade do capital*, mas nos leva a pensar na educação do corpo em outros períodos históricos. Embora essa condição apareça de forma incidental<sup>74</sup> nas reflexões de Baptista, ela não sinaliza uma lacuna do livro em tela, mas sim uma potencialidade do materialismo histórico para os estudos relativos ao corpo. Para uma realização mais plena dessa possibilidade, deve ser observado que as rupturas entre as épocas são fundamentais. Os “modelos de corpo” dentro de uma mesma época ou sociedade são, igualmente, importantes. Para ficarmos no período compreendido entre o século XIX e a atualidade, período privilegiado no livro, é fundamental não esquecer que o século XX é “longo” (HOBSBAWN, 1995) e que várias representações sobre a dialética corpo/trabalho são possíveis. Essas representações alternam-se e/ou se combinam à medida que as forças produtivas se reordenam (HEROLD JUNIOR, 2009), tornando possível a existência simultânea de “formas de corpo” muito diferenciadas. Na complementaridade ou no choque entre elas, edifica-se um leque de possibilidades analíticas a evidenciar que o corpo, os entendimentos sobre ele e o antagonismo de projetos sociais são espaços políticos de luta conectados entre si.

Concluindo, a colocação dessa questão e a possibilidade de aprofundamento é uma bem-vinda consequência do desafio proposto por *Educação do Corpo na Sociedade do Capital*: estudar o mundo do trabalho e da educação do corpo, evitando, ao mesmo tempo, antinomias simplistas ou derivações apressadas entre essas dimensões sociais.

## Referências

BAPTISTA, T. J. R. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013.

FRACCHIA, J. Beyond the Human–Nature Debate: human corporeal organization as the “first fact” of Historical Materialism, **historical materialism**, Leiden, v. 13, n. 1, p. 33–61, 2005.

GUIRALDELLI JUNIOR, P. **O Corpo**: filosofia e educação. São Paulo: Ática, 2007.

HEROLD JUNIOR, C. Os Processos Formativos da Corporeidade e o Marxismo: aproximações pela problemática do trabalho. **Revista Brasileira de Educação**. 2008, v.13, n. 37, p. 98–111.

---

<sup>74</sup> Embora ela se manifeste na estrutura do texto, como pode ser entrevisto pelo posicionamento das citações utilizadas na construção do questionamento em tela: p. 17, p. 153, p. 229.

HEROLD JUNIOR, C. Do Corpo–Motor ao Corpo Informação: corporeidade e trabalho no capitalismo, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 9, 2009. p. 107–122.

HOBBSAWN, E. **A Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE BRETON, D. **La sociologie du corps**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

WOOD, E. M. O que é a Agenda Pós-moderna. In: WOOD, E.; FOSTER, J. (org.). **Em Defesa da História: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 7–22.

TURNER, B. **The Body and Society**. 2. ed. London: Sage Publications, 1996.

Recebido em: 21/01/2014

Revisado em: 04/06/2014

Aprovado em: 08/08/2014

**Endereço para Correspondência:**

Carlos Herold Junior

carlosherold@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Educação Física, UEM

Avenida Colombo, 5 790 — Jardim Universitário

85 015–430 — Maringá–PR — Brasil